

Os Compositores

04/07/99

Um gênero que Bach levou a perfeição é o do prelúdio coral. O coral foi estruturado pelo próprio Lutero, com a finalidade de oferecer aos fiéis protestantes uma música fácil, acessível, que eles pudessem entoar sem dificuldade. Assim o coral tornou-se o fundamento da liturgia protestante, se se pode falar em liturgia a respeito de uma religião que eliminava o mais possível as formalidades. Assim como na Igreja Católica era tarefa do organista a de preparar com um curto prelúdio a entonação dos coros, entre os protestantes tornou-se tarefa a de

tocar os corais do dia, possivelmente com variações ornamentais mas sempre em forma sintética. Tal literatura não nos oferece obras de vital importância antes dos maravilhosos prelúdios corais de J. S. Bach, em que a melodia é enriquecida de admiráveis contrapontos e o órgão freqüentemente integrado com instrumentos de metal.

Bach escreveu mais de 200 prelúdios corais, alguns dos quais permanecem fundamentais na literatura organística. Tem que se observar que nesta altura órgão já havia adquirido notáveis recursos técnicos, riqueza de registros e dois teclados além da pedaleira e que Bach

soube empregar tais recursos como nenhum outro compositor.

Vamos ouvir portanto um coral cujo tema é extraído da Cantata 147 “Herr und tat und lieben” e que leva as palavras “Jesus”, alegria dos homens”. Ele foi composto em Weimar no ano de 1716 e mais tarde, em 1727 reelaborado. Aqui o contraponto sobre o tema do coral é tão ricamente melódico e de cunho tão pessoal que fez com esse coral se tornasse famoso. A presente execução foi registrada na Igreja de Notre Dame em Paris e integrada com apoio de alguns instrumentos de sopro.

Música (3'30")

Disco 01 - Lado 01 - Faixa 01

O segundo prelúdio coral que vamos ouvir se baseia na melodia “Wir glauben na einen Gött” (Nós cremos num só Deus) . Aqui também a roupagem instrumental é extraordinariamente rica em torno de uma melodia larga e imponente.

Música (4’)

Disco 01 - Lado 01 - Faixa 02

Outro gênero da literatura organística que Bach levou a maior potencialidade é o da Toccata. Diz justamente Bauzoni em seu “Ensaio para uma nova estética da música” que só Bach conseguiu alcançar as vezes a música das esferas celestes,

principalmente das toccatas e fantasias para órgão.

A Toccata que vamos ouvir é formada por um prelúdio e uma fuga na tonalidade de Ré Maior. Há quem opine tratar-se de duas peças separadas, posteriormente conjugadas nesta composição. Não creio, porque a fuga termina com uma passagem lenta cujo espírito se reporta a primeira parte do prelúdio. Este por sua vez tem, como freqüentemente acontece em Bach, a estrutura da ouverture de Lully e é marcado pela freqüente presença de escalas marcando a tonalidade da peça. A fuga apresenta um sujeito quase virtuosístico, com a

característica de ser o mesmo enunciado sete vezes na exposição.

Vamos ouvir então o Prelúdio e Fuga em Ré Maior para Órgão de J. S. Bach. Toca a organista Jeanne Demessieux.

Música (9')

Disco 02 - Lado 01 - Faixa 02

O período que Bach passou ao serviço da corte de Köthen é caracterizado pôr uma rica produção de música instrumental e uma menor produção de música sacra. Isto se deve a um fato de que o ambiente da corte de Köthen era calvinista e portanto avesso as formas rituais da liturgia. Em compensação possuía

uma bom grupo instrumental, no qual o próprio Bach tocava viola. O grupo ainda empregava instrumentos renascentistas e Bach ficou fascinado pelas possibilidades técnicas e expressivas da viola da gamba. Na língua italiana gamba significa perna o que quer dizer que o instrumento era seguro entre as pernas do executante em posição bastante precária porque não fixado no chão; a ele se contrapunha a viola da braccio, isto é, sustentada pelo braço esquerdo do instrumentista. A viola da gamba, imediato precursor do violoncelo, possuía seis cordas separadas por intervalos de quarta e terça com as notas, do mais agudo ao mais grave, de ré, lá, mi, dó, sol, ré . Como na

viola da braccio, o espelho do instrumento possuía trastes para facilitar a dedilhação, `a maneira da guitarra. Devido as dimensões mais reduzidas com relação ao violoncelo a viola da gamba possuía uma tessitura mais aguda do que esse último.

O príncipe de Köthen tocava viola da gamba, mas não sabemos se tinha condições para tocar as sonatas de Bach, coisa talvez, possível para o primeiro gambista do conjunto.

Para a viola da gamba Bach escreveu três lindas sonatas, a terceira das quais que iremos ouvir, é de nobre e fluente inspiração, e remonta ao ano de 1720. Embora o violoncelo nada mais tenha a ver com a família

das violas renascentistas sendo um violino tenor baixo é perfeitamente legítima e tecnicamente de todo viável a execução dessas sonatas com o violoncelo, mais rico em sonoridade e francamente mais manejável na virtuosidade; e com o violoncelista Antonio Janigro vamos ouvir justamente a Terceira Sonata de Bach para viola de gamba, em Sol Menor com seus três andamentos a saber, vivace, adagio e allegro. Note-se principalmente a fluência do 1º e 3º andamento e a melodiosa expressividade central.

Com Antonio Janigro toca o cravista Robert Veyron-Lacroix .

Música (16')

Disco 03 - Lado B - todo

Nos “Retratos Musicais” ainda estamos na Hungria e ainda na companhia de Franz Liszt e da sua “Fantasia Húngara para piano e Orquestra”. É ela uma composição relativamente pouco divulgada, mas rica de sabor local e de interessantes achados rítmicos e instrumentais, mesclando elementos de folclore cigano e elementos de folclore camponês húngaro. Começa ela com um andante mesto, pontilhado pelo rufo dos tímpanos. A ele segue o solene tema principal de rítmica totalmente original com as suas células formadas por duas sílabas breves e uma longa, confiado a

orquestra da qual emergem as trompas e os fagotes. Logo entra o piano com uma cadência empolgante e quase heróica retomada pelo trompete. O seguinte adagio molto apresenta uma sugestiva melodia do piano, a qual segue um gracioso allegretto alla zingarese (o adjetivo menos habitual é do próprio Liszt) . Depois de um breve solo de violino volta na orquestra o tema principal que se abre depois num adagio confiado ao clarinete. Após um vivace assai, protagonizado pelo piano sobre agressivos pizzicatos das cordas. Começa a peroração final, em que pratos e percussão abrem o caminho à última exposição do tema principal.

Toca a pianista Edith Farnadi
com a Orquestra Filarmônica
Promenade regida por Sir Adrian
Boult.

Música (14')

Disco 04 - Lado ~~B~~ - Todo